



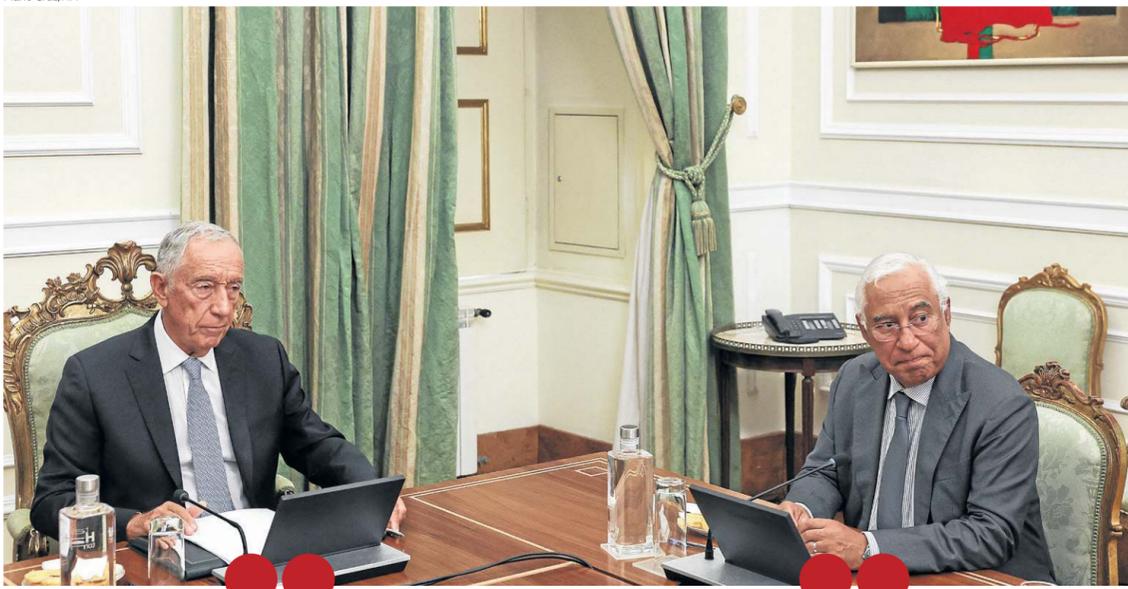
## PORTUGAL

# Presidente convoca eleições antecipadas

Marcelo Rebelo de Sousa dissolve Parlamento e marca pleito para 10 de março de 2024, após renúncia de António Costa, acusado de corrupção. Premiê demissionário deve permanecer no cargo. Líderes de partidos criticam o governo socialista

» VICENTE NUNES  
CORRESPONDENTE

Mario Cruz/AFP



**Devolvemos a palavra ao povo, sem dramatizações nem temores. É essa a força da democracia, não ter medo do povo"**

**Marcelo Rebelo de Sousa, presidente de Portugal**

**Não sei do que estou sendo acusado, não tive acesso aos autos dos processos, tudo o que sei é por meio da imprensa"**

**António Costa, primeiro-ministro demissionário**

**L**isboa — O presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, decidiu dissolver o Parlamento e convocar novas eleições para 10 de março de 2024. A medida foi tomada depois do vácuo criado pela demissão de António Costa do cargo de primeiro-ministro, acusado de favorecimento a empresas na exploração de lítio e de hidrogênio verde e na construção de um data center no Porto de Sines, em Setúbal. Os indícios de corrupção foram revelados por uma operação realizada na última terça-feira pelo Ministério Público. Cinco pessoas foram presas e ministros do governo, indiciados.

"Chamado a decidir sobre o cenário criado pela exoneração do primeiro-ministro, optei pela dissolução da Assembleia da República e a marcação de eleições em 10 de março de 2024", afirmou Rebelo de Sousa, em pronunciamento à nação. Segundo ele, não havia por que mudar apenas o chefe de governo, pois o país ficaria sangrando e, mais à frente, ele teria de tomar a mesma decisão, mas num contexto de economia fragilizada e de desconfiança da sociedade. As últimas eleições em Portugal ocorreram, também antecipadamente, em janeiro de 2022.

Até o último instante, o Partido Socialista (PS), a legenda de Costa, que tem maioria no Congresso, tentou manter o controle do Palácio de São Bento, alegando possuir maioria absoluta dos parlamentares eleitos, o que garantiria a estabilidade política. Essa posição, por sinal, foi expressada pelo próprio primeiro-ministro demissionário, que apresentou o nome do economista Mário Centeno, atual presidente do Banco de Portugal, como alternativa para sucedê-lo. "Mas o presidente não acatou. Seria importante ter uma pessoa de credibilidade interna e internacional para enfrentar esse momento complicado, de guerras e de ameaças de recessão em várias economias", afirmou Costa, que chefiou o governo por oito anos.

O presidente alegou que, antes de bater o martelo pela dissolução

do Parlamento, ouviu todas as lideranças dos partidos com assentos na Assembleia da República, e a maioria se mostrou favorável à antecipação das eleições. No Conselho de Estado, com o qual ele se reuniu antes do pronunciamento à nação, houve empate entre manter tudo como está, apenas buscando um substituto para Costa, e dissolver a Assembleia, situação que ocorreria no passado. Prevaleceu, portanto, a posição pessoal de Rebelo de Sousa.

### Crise poderia ser pior

Durante o discurso, o presidente elencou uma série de motivos para sua decisão. O primeiro, destacou, foi a natureza do voto nas últimas eleições, muito personalizadas no primeiro-ministro, com base na própria liderança dele, que resultou em esmagadora vitória. O segundo, a fraqueza da formação do

governo, que, mesmo com maioria no Parlamento, não seria legitimado pelo voto popular se o chefe do governo fosse outro. O terceiro, o risco verificado no passado de a fraqueza do governo redundar num mero adiamento da dissolução para um momento pior, com situação mais crítica e desfecho mais imprevisível.

"Se esse contexto prevalecesse, o governo seria presidencial (e não semi-parlamentarista), ou seja, suportado pelo Presidente da República, enfraquecendo o seu papel num período sensível em que ele deve ser, sobretudo, uma referência interna e externa", assinalou. O quarto motivo foi a indispensável estabilidade econômica e social, que é dada pela prévia votação do Orçamento do Estado para 2024, antes mesmo de ser formalizada a exoneração do atual primeiro-ministro, no início de dezembro — a votação do

Orçamento está marcada para 29 de novembro. Para Rebelo de Sousa, é vital garantir os recursos a fim de atender os anseios da população por meio do Plano de Recuperação e Resiliência (PPR).

### Sem medo do povo

O líder português ressaltou, ainda, que o quinto motivo para a dissolução do Parlamento e a convocação de novas eleições foi a maior clareza e um rumo mais vigoroso "para superar um vazio inesperado, que surpreendeu e perturbou tanto os portugueses afeitos quanto os portugueses afeitos que se encontravam aos oito anos de liderança (de Costa)". "Devolvemos, assim, a palavra ao povo, sem dramatizações nem temores. É essa a força da democracia, não ter medo do povo", disse.

Para Rebelo de Sousa, agora, o momento é de olhar para frente, estudar o passo, escolher os

representantes do povo e o governo que resultará das eleições. "Um governo que procure assegurar a estabilidade e o progresso econômico, social e cultural em liberdade, pluralismo e democracia", frisou. "Um governo com visão de futuro, tomando o já feito, acabando o que importa fazer e inovando no que ficou por alcançar", acrescentou.

### Ataques generalizados

Tão logo a dissolução do Parlamento e a convocação de novas eleições para 10 de março foram anunciadas, líderes partidários se posicionaram. Chefe do PSD, a maior legenda de oposição, Luís Montenegro se posicionou como candidato a primeiro-ministro e atacou o governo socialista. "Era inevitável que a palavra fosse devolvida ao povo português. É urgente restabelecer o prestígio, a

credibilidade e a confiança das pessoas nas instituições democráticas. Esse é o terceiro pântano político que o Partido Socialista faz o país mergulhar nos últimos 22 anos. É preciso cortar o mal pela raiz, e é preciso virar a página do empobrecimento, que tem sido a imagem de marca dos últimos anos em Portugal", afirmou.

Líder parlamentar do Bloco de Esquerda, o deputado Pedro Filipe Soares assinalou que a única solução para superar a atual crise política era a convocação de novas eleições. "Para resolvermos uma crise política desta envergadura, a única solução era a da saída pela democracia, a convocação de eleições. Em democracia, há sempre soluções, e para o Bloco de Esquerda, a convocação para a habitação, para os serviços públicos, para os direitos fundamentais de uma vida digna", frisou.

Na avaliação de André Ventura, líder do Chega, partido da ultradireita, o presidente da República errou ao fixar 10 de março como data para as eleições, pois, até a posse do novo Parlamento, o governo continuará amarrado aos instrumentos econômicos, sociais e fiscais dos socialistas. "Esta não é a data que nos pareceria a mais célebre para resolver o problema que temos em mãos, não só da crise política, como de um governo próximo, que, esperamos, seja de direita, mas que terá que governar com um Orçamento do PS", destacou.

Diante das críticas dos opositores e mesmo de representantes de legendas aliadas, António Costa afirmou que nenhum partido hoje, em Portugal, tem integrantes com a capacidade dos representantes do PS para governar o país. "Damos de 10 a zero", enfatizou. Ele assinalou, ainda, que está com a consciência tranquila, pois não cometeu nenhum crime. "Não sei do que estou sendo acusado, não tive acesso aos autos dos processos, tudo o que sei é por meio da imprensa." O primeiro-ministro demissionário acrescentou que a opção por deixar o cargo foi para preservá-lo, pois não há como alguém sob suspeição ocupá-lo. "Estamos em uma democracia, a Justiça tem o dever de investigar e ninguém está acima da lei", concluiu.

## HORROR NO ORIENTE MÉDIO

# Israel concorda com pausas diárias nos combates

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de 34 dias de bombardeios que mataram mais de 10.800 palestinos, segundo o Ministério da Saúde na Faixa de Gaza, Israel anunciou a aceitação de pausas diárias de quatro horas nos combates com o grupo extremista Hamas, que governa o enclave. A medida vale para a porção norte do enclave e tem o objetivo de permitir que os civis fujam para o sul ou busquem alimentos.

Ontem, outra facção extremista, a Jihad Islâmica, divulgou um vídeo com o pronunciamento de dois israelenses sequestrados durante os ataques de 7 de outubro, quando 1.400 pessoas morreram. Na gravação, Yagil Ben-Yaakov, 13 anos, e a idosa cadeirante Hana Katzir, 77, afirmam que podem ser libertados por motivos humanitários. A guerra travada entre as Forças de Defesa de Israel (IDF) e os militantes do Hamas se intensificou no coração da Cidade de Gaza.

Israel "começará a fazer pausas de quatro horas todos os dias em áreas do norte da Faixa de Gaza, que serão anunciadas com três horas de antecedência", declarou o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Jonh Kirby, na Casa Branca. "Os israelenses nos disseram que não haveria operações militares nessas áreas enquanto durarem as pausas (e) que essa operação começaria hoje (ontem)." Uma trégua robusta está descartada, no momento, pelo gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. "Não cessaremos fogo enquanto houver reféns em Gaza", avisou o ministro da Defesa israelense, Yoav Gallant.

Às 21h (16h em Brasília), o cirurgião plástico Ghassan Abu-Sittah relatou ao **Correio** combates perto do Hospital Al Shifa, onde trabalha. "Neste momento, ouço tiros de pistolas ou revólveres, além de disparos de metralhadoras. Imagino que sejam de soldados a bordo de tanques. Mas, também, a artilharia de helicópteros Apache", disse.

Reprodução



**Yagil Jacob, 13 anos, capturado no kibbutz Nir Oz: "Espero retornar logo"**

Ghassan minimiza a decisão sobre a trégua de quatro horas diárias. "Isso é uma forma de reduzir a pressão sobre o governo de Israel. O que significa essa pausa? Uma trégua envolvendo bombardeios ou ataques aéreos? A menos que haja uma trégua prolongada, onde as pessoas possam sair dos abrigos,

buscar comida, ter acesso a combustíveis; que as padarias voltem a funcionar e os hospitais sejam reabastecidos", observou. Ele acredita que a medida seja "inútil". "É como um truque." Na madrugada de hoje, a aviação israelense bombardeou o Hospital Pediátrico Al Ranitisi, no norte da Faixa de Gaza.

Em Deir al Balah, no centro da Faixa de Gaza, o engenheiro civil Mohammed Al-Assar também demonstrou pessimismo. "A situação aqui está de ruim para pior. O ovo está mais caro do que o ouro. A água custa mais do que o petróleo. A trégua de quatro horas não muda nada. Tudo continuará na mesma", desabafou à reportagem, por meio do WhatsApp.

Porta-voz internacional das Forças de Defesa de Israel (IDF), Jonathan Conrucus admitiu ao **Correio** que as tropas "avançam na Faixa de Gaza de acordo com o plano". "Estamos eliminando a infraestrutura do Hamas e os combatentes inimigos. Ao mesmo tempo, continuamos a retirar os civis do campo de batalha durante o dia", afirmou. O coronel Moshe Tetro, responsável por Gaza do Cogat (órgão do Ministério da Defesa de Israel que supervisiona atividades civis nos territórios palestinos), foi incisivo: "Não há crise humanitária em Gaza". Entretanto, ele reconheceu que a situação civil "não é fácil".

### Reféns

"Eu sou Hanna Katsir, do kibbutz Nir Oz. Estou em um lugar que não é meu e tenho saudades de casa", afirma a refém idosa no vídeo divulgado pela Jihad Islâmica. Na gravação, ela diz esperar ver familiares "na próxima semana". "Todos estamos saudáveis e felizes. (...) O responsável por essa bagunça é Netanyahu. Ele destrói tudo o que é bom", comenta a cadeirante. Ela assegura que os combatentes da Jihad Islâmica tratam os reféns "muito respeitosamente".

Yagil Ben-Yaakov, 13, diz sentir falta da família e dos amigos. "Quero dizer a Netanyahu que isso não funcionará. Todas essas explosões... Isso é loucura. Vocês matam crianças e prisioneiros (reféns). (...) Espero retornar o mais rápido possível. À medida que o tempo passa, fico em um perigo maior. Netanyahu, se algo acontecer a mim, isso cairá sobre a sua cabeça." Yagil, o pai, a madrasta e o irmão foram capturados no kibbutz Nir Oz.